

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Amarilio Ferreira Junior
E-mail: ferreira@ufscar.br
Instituição: Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Submetido: 03/08/2020

Aprovado: 30/09/2020

Publicado: 02/08/2021

 10.20396/rho.v21i00.8660769

e-Location: e021036

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):

FERREIRA JUNIOR, A.;
BITTAR, M. Krupskaya nos arquivos do National Union of Women Teachers: “uma palavra sobre a educação de classe”.
Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 21, p. 1-21, 2021.
DOI:

10.20396/rho.v21i00.8660769.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8660769>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



KRUPSKAYA NOS ARQUIVOS DO NATIONAL UNION OF WOMEN TEACHERS: “UMA PALAVRA SOBRE A EDUCAÇÃO DE CLASSE”



Amarilio Ferreira Junior*

Universidade Federal de São Carlos



Marisa Bittar**

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar ao público brasileiro o texto inédito de N. Krupskaya *A word on class Education*, que encontramos no Institute of Education / University College London (UCL) em março de 2019. Essa descoberta ocorreu durante uma pesquisa que realizávamos sobre a educação soviética em três arquivos específicos: Brian Simon Collection; Soviet Education (1959-1991) e Acervo do NUWT. Ao fazermos o levantamento de fontes primárias, descobrimos no arquivo do NUWT o texto escrito pela educadora russa em 1926. Sendo assim, neste artigo recompusemos as circunstâncias históricas que explicam a sua guarda pelo arquivo do NUWT; em seguida, tratamos da educação soviética na década de 1920 e, finalmente, analisamos o conteúdo do texto de Krupskaya, o qual traduzimos do inglês para o português e o apresentamos na íntegra como anexo para que possa ser consultado por outros pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: N. Krupskaya. Educação soviética. National Union of Women Teachers.

**KRUPSKAYA IN THE ARCHIVES OF THE NATIONAL UNION OF WOMEN
TEACHERS: A WORD ON CLASS EDUCATION**

Abstract

This article aims to present to the Brazilian public the unpublished text by N. Krupskaya *A word on class education* which we found at the Institute of Education, University College London (UCL) in March 2019. This discovery occurred during a research we were doing on Soviet Education in three specific archives: Brian Simon Collection; Soviet Education (1959-1991) and NUWT Collection. When surveying the primary sources, we found in the NUWT Archive the text written by the Russian educator in 1926. Therefore, in this article we have recovered the circumstances that explains its custody by the NUWT Archive; then we dealt with Soviet education in the 1920s and, finally, we analysed the content of Krupskaya's text which we translated from English into Portuguese and presented in full as an attachment so that it can be consulted by other researchers.

Keywords: N. Krupskaya. Soviet Education. National Union of Women Teachers.

**KRUPSKAYA EN LOS ARCHIVOS DE NATIONAL UNION OF WOMEN TEACHERS:
UNA PALABRA SOBRE LA EDUCACIÓN DE CLASE**

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar al público brasileño el texto inédito de N. Krupskaya *A Word on class Education* que encontramos en el Institute of Education, University College London (UCL) en marzo de 2019. Este descubrimiento ocurrió durante una investigación que estábamos haciendo en educación soviética en tres archivos específicos: Brian Simon Collection; Soviet Education (1959-1991) y Colección del NUWT. Al encuestar fuentes primarias, encontramos en el Archivo del NUWT el texto escrito por la educadora rusa en 1926. Por lo tanto, en este artículo hemos recuperado las circunstancias históricas que explican su custodia por el NUWT; luego, nos ocupamos de la educación soviética en la década de 1920 y, finalmente, analizamos el contenido del texto de Krupskaya, que traducimos del inglés al portugués y presentamos en su totalidad como archivo adjunto para que otros investigadores pudieran consultarlo.

Palabras clave: N. Krupskaya. Educación Soviética. National Union of Women Teachers.

INTRODUÇÃO

Com este artigo, desejamos apresentar ao campo educacional brasileiro um pequeno texto intitulado *A Word on Class Education* que encontramos em uma das pastas que compõem o extenso arquivo do National Union of Women Teachers (NUWT), cuja custódia encontra-se sob a responsabilidade do Institute of Education (IoE), da University College London (UCL)¹.

Frequentamos os arquivos desse Instituto desde o ano letivo de 2011-2012, quando lá estivemos na condição de Visiting Fellows no Department of Humanities and Social Sciences da sua Faculty of Policy and Society, que correspondeu aos nossos Pós-Doutorado sob a supervisão do Professor Gary McCulloch, como bolsistas da FAPESP. Desde então temos mantido intercâmbios e desenvolvido novos projetos. Como bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq realizamos estágios em 2014 (novamente como Visiting Fellows) e 2019, períodos durante os quais trabalhamos nos seguintes arquivos: Brian Simon, Soviet Education e NUWT, todos sob a guarda do Institute of Education IoE. Fora do IoE, consultamos os arquivos do National Union of Teachers (NUT) e as coleções de jornais britânicos (The Times Educational Supplement, The Observer/Guardian e outros) microfilmados da British Library.

O texto inédito que apresentamos aqui foi encontrado durante uma pesquisa que realizamos no começo de 2019, quando, além de nossos projetos individuais do CNPq, tínhamos um em comum sobre a educação soviética. Para tanto, dedicamos parte de nosso tempo para o levantamento de três fontes principais: Acervo Brian Simon referente às visitas que esse historiador britânico fizera às escolas soviéticas desde 1935; coleção de revistas *Soviet Education* (1959-1991), editada nos Estados Unidos, reunindo artigos compilados de revistas soviéticas; Acervo do NUWT, que reúne centenas de caixas e sobre o qual tínhamos um interesse específico, isto é, buscar documentos sobre visitas de professoras britânicas à União Soviética. Foi exatamente nesse acervo que encontramos o texto de Nadejda Krupskaya (1869-1939).

Em meio a dezenas de documentos e correspondências trocadas entre professoras britânicas e autoridades educacionais soviéticas com a finalidade de providenciar uma visita ao país dos bolcheviques, fomos surpreendidos com o referido texto em papel fino quase transparente, trazendo ao final o nome “N. Krupskaya” grafado à máquina. Imediatamente nos indagamos: como tal texto, de quase cinco laudas, havia ido parar nos arquivos do NUWT? Fizemos então um levantamento específico a fim de descobrirmos que circunstâncias determinaram que ficasse ali arquivado.

A Word on Class Education, texto cuja tradução² completa optamos por incluir no Anexo A deste artigo, encontra-se arquivado na pasta “UWT / 0-83-9. (3 of 4) / UWT / 0-27-53 / ¾”. Ela contém todos os documentos referentes à visita que uma delegação de dirigentes sindicais do NUWT fez à União Soviética³ no verão de 1926, alguns dos quais serão utilizados no artigo em tela. Movidas pela militância feminista e sufragista, a

representação de professoras dirigentes do NUWT viajou à URSS com o intuito de conhecer as transformações que os bolcheviques estavam promovendo no âmbito da educação estatal e nos direitos das mulheres.

Os documentos que consultamos nos deram pistas para concluirmos por que razão o texto de Krupskaya faz parte do acervo do sindicato que foi organizado pelas professoras inglesas e gaulesas. Para nós, elas tinham expectativa de um encontro com Krupskaya. No entanto, ele não aconteceu, pois o contexto era de grande turbulência e de crise política no âmbito do Partido Comunista no que diz respeito aos rumos que a educação soviética deveria tomar e Krupskaya era uma figura central dessa política. Depreendemos que, na impossibilidade de um encontro com a delegação de professoras, ela tenha optado por lhes escrever este texto cujo teor tinha o objetivo de expor de forma clara e concisa a diferença entre a educação burguesa e a que estava sendo construída pelo poder soviético. Isso porque, a troca de correspondência e todos os demais documentos disponíveis mostram que esse era o interesse central da viagem. Eis por que o texto ficou sob a posse do NUWT e hoje está sob a guarda do Instituto de Educação.

Muito perto desse Instituto, está situada a casa 36 da Tavistock Place onde Lênin e Krupskaya moraram, em 1908, durante um período de seu exílio antes da Revolução. Acreditamos que eles escolheram aquele lugar por sua proximidade com a British Library, onde Lênin realizou suas pesquisas que depois seriam utilizadas para escrever, entre outros, o livro *Imperialismo, fase superior do capitalismo* (1917). Em todas as casas londrinas com essa particularidade, isto é, de ter sido moradia de personalidades como: escritores, cientistas, artistas, ativistas políticos etc., o poder municipal as distingue com uma singela placa azul e branca. No caso em questão, lemos: “Vladimir Ilyich Lenin (1870-1924) founder of the USSR lived here in 1908”. Coincidentemente, portanto, um texto que seria escrito por Krupskaya depois da Revolução ficaria guardado para a posteridade na principal instituição britânica de pesquisa em educação e muito próximo de onde ela morou em Londres.

O NUWT E A VISITA DAS PROFESSORAS BRITÂNICAS À UNIÃO SOVIÉTICA EM 1926

O NUWT teve a sua origem no interior do National Union of Teachers (NUT)⁴, criado em 1870, na sequência histórica protagonizada pelo movimento cartista da década de 1830⁵. Na virada do século XIX para o XX, no interior desse sindicato, um grupo de professoras feministas e sufragistas deu início a uma articulação em torno de duas demandas: salários iguais entre professoras e professores e direito de voto para as mulheres. Contudo, o NUT esboçou resistência em encaminhar as demandas pela igualdade de gênero referente às questões salariais e civis, ou seja, não compreendeu como legítima a reivindicação das professoras sobre salários iguais entre homens e mulheres. Diante disso, elas passaram a organizar uma estrutura associativista paralela: em 1904, criaram a Equal Pay League (EPL); dois anos depois (1906), transformaram a EPL em National Federation of Women Teachers

(EPL-NFWT, 1919); e, em 1920, a NFWT passou a ser designada National Union of Women Teachers (NUWT).

Por pressão das mobilizações organizadas pelas professoras feministas e sufragistas (principalmente em Londres), em 1919 foi realizado um referendo sobre a igualdade salarial cujos resultados expressaram os seguintes números: 35.004 a favor e 15.039 contrários. (PIEROTTI, 1963. p. 17). A partir de então, o NUT se viu obrigado a incorporar em seu programa oficial a questão da igualdade salarial entre o professorado britânico. Contudo, essa política salarial, embora aprovada pela maioria, foi postergada pela hegemonia política que os professores exerciam na direção do NUT. Em decorrência dessa postura e das políticas governamentais, a conquista da igualdade de salários entre os professores britânicos só foi alcançada em 1961, ou seja, quando o Reino Unido começava a desenvolver o seu *welfare State*⁶.

Quanto ao voto universal, a conquista aconteceu em duas etapas: a primeira legislação veio em 1918 e a segunda em 1928⁷. Na primeira, por influência das consequências históricas geradas pela I Guerra Mundial (1914-1918) e da Revolução Russa de 1917, o Parlamento Britânico aprovou a *Representation of the People Act*, que concedeu o voto feminino com base em duas condições: idade mínima de 30 anos e comprovação de propriedade (moradia). Contudo, a lei estabelecia condições distintas para os homens: idade mínima de 21 anos e sem a exigência de comprovar propriedade. Mesmo com a manutenção da desigualdade civil entre homens e mulheres, o NUWT comemorou a aprovação da lei de 1918, pois ela possibilitou que a participação política feminina representasse 43% (8,4 milhões votos) do eleitorado britânico. (UNITED KINGDOM PARLIAMENT, 2019). As mulheres somente alcançaram a plena isonomia eleitoral com os homens quando da aprovação, em 1928, da *Representation of the People (Equal Franchise) Act*. (UNITED KINGDOM LEGISLATION, 2019).

As lutas sindicais do NUWT não se restringiram à igualdade salarial e direito de voto às mulheres. Os documentos que pesquisamos mostram o interesse das professoras feministas e sufragistas por uma ampla gama de questões sociais, profissionais e educacionais. Nas décadas de 1930, 40 e 50, o NUWT fez campanha contra os cortes nos orçamentos educacionais; restrições ao emprego de mulheres casadas; contra o emprego de professores não titulados e à prática de nomear somente homens para diretores das escolas mistas (meninas e meninos). Além disso, defendeu sistematicamente oportunidades educacionais para meninas e seu acesso às profissões; a manutenção de escolas infantis separadas das escolas primárias com professores próprios e a criação universal de escolas maternais. O sindicato das professoras também se opôs de forma incisiva à aplicação de castigos corporais, prática que era comum na educação britânica. Além desses importantes temas, defendeu e apoiou a introdução de educação sexual nas escolas; o fornecimento de refeições; e a realização de filmes educativos e de entretenimento para as crianças. Na década de 1930, com a ascensão do nazi-fascismo na Europa, o NUWT estabeleceu vínculos

internacionais com entidades e associações femininas em defesa da paz e contra a guerra. (PHIPPS, 1928, p. 25; PIEROTTI, 1963, p. 15).

Especificamente quanto à visita que é objeto deste artigo, encontramos várias cartas e outros documentos. Representando todas as organizações docentes britânicas, a Teachers' Labour League⁸ foi a responsável por organizar a viagem de 1926. Para isso, estabeleceu contatos com os sindicatos e associações, como foi o caso do NUWT. Uma carta de março de 1926, registra que muitos professores gostariam de ir à URSS “no próximo verão” a fim de obterem informações “em primeira mão” sobre o “importante desenvolvimento” (TEACHERS' LABOUR LEAGUE, 1926b) pelo qual a educação passava desde a Revolução Russa. Acrescenta referências a uma delegação anterior de professores franceses, alemães, belgas e de outros países que havia estado na União Soviética e menciona um convite semelhante que havia sido estendido aos professores britânicos. Sendo assim, prossegue a carta, a Teachers' Labour League estava encarregada de tomar providências para formar uma delegação representativa de todas as organizações docentes incluindo o NUWT. A viagem seria realizada em agosto de 1926 e duraria várias semanas; os delegados pagariam suas próprias despesas referentes ao transporte de navio e, em contrapartida, durante sua permanência na Rússia, seriam convidados do Sindicato dos Trabalhadores Educacionais da Rússia de quem receberiam “total hospitalidade”. (TEACHERS' LABOUR LEAGUE, 1926b). Reafirmando seus propósitos de fortalecer os laços entre professores britânicos e russos, a Teachers' Labour League concluiu as tratativas internas no Reino Unido para determinar o número de professores que fariam parte da delegação e enviou nova carta em 15 de abril de 1926 comunicando que sairiam da Inglaterra na última semana de julho “por mar”, devendo chegar a Leningrado cinco dias depois. O regresso estava marcado para o dia 16 de agosto a tempo de começarem o período letivo em Londres. (TEACHERS' LABOUR LEAGUE, 1926a). Essa informação explica a provável razão de não ter havido um encontro entre as professoras britânicas e Krupskaya, pois a sede do governo soviético era Moscou onde, portanto, ela estava, isto é, muito distante da bela Leningrado, local da visita.

Farta documentação sobre intercâmbios como este compõem o Arquivo do NUWT, incluindo programas realizados pelo sindicato e pela Society for Cultural Relations with the URSS, além de boletins sobre a educação russa. A título de exemplo, citamos um de 1947 intitulado *Educação para a reconstrução da União Soviética* reportando um encontro entre educadores russos e ingleses, ocorrido em Londres, cuja finalidade foi abordar “[...] as formas pelas quais os soviéticos trataram os problemas que afetaram a vida das crianças, professores e trabalhadores adultos no pós-guerra.” (SOCIETY FOR CULTURAL RELATIONS WITH THE URSS, 1947). Segundo o boletim, muitos desses problemas causados pela interrupção das atividades escolares durante a II Guerra Mundial (1939-1945) eram comuns aos do Reino Unido. Portanto, os esforços soviéticos para solucioná-los serviriam também como importante comparação com as medidas tomadas pelo governo britânico.

Documentos similares a esses registram muitas outras visitas e intercâmbios com a URSS até a data de sua dissolução (1991). Contudo, as referências que citamos acima são suficientes para justificar a razão pela qual o texto escrito por Krupskaya em 1926 está hoje no Arquivo do NUWT em Londres.

KRUPSKAYA E A EDUCAÇÃO SOVIÉTICA NA DÉCADA DE 1920

Assim que o poder soviético foi instaurado e definiu suas prioridades, uma delas, de importância estratégica, foi a educação. Uma campanha geral de alfabetização em todo o território russo mobilizou a sociedade e, conforme exigiu Lênin, todos aqueles que fossem alfabetizados, sem exceção, deveriam prestar sua contribuição, pois a alfabetização era tarefa prévia para se edificar o sistema de educação, por isso, as duas ações se desenrolaram paralelamente: campanha de alfabetização e construção do sistema escolar soviético. Políticas tão ambiciosas não poderiam deixar de chamar a atenção de educadores de todo o mundo. (BITTAR; FERREIRA JUNIOR, 2012, p. 381). Foi o caso de John Dewey (1859-1952)⁹ que, em 1928, a despeito da política de isolamento internacional da Rússia soviética imposta pelos Estados Unidos da América, empreendeu uma viagem com a finalidade de, por si próprio, conhecer o que a Revolução estava realizando em matéria de educação. 1928 marcava o décimo ano do esforço educacional soviético e Dewey registrou suas impressões dizendo em determinado momento: “[...] falo do que vi e não do que ouvi falar.” (DEWEY, 1964, p. 110). Por meio de visitas a várias escolas e colônias, como foi o caso da escola que Moisey M. Pistrak (1888-1940) dirigia, ele concluiu que os soviéticos estavam muito à frente dos norte-americanos na implementação da escola para o trabalho, princípio que na pedagogia ativa ocidental não previa “trabalho útil” e era praticado em pequena escala, isto é, em escolas alternativas. Dewey manteve encontros com vários educadores e administradores escolares, tendo registrado em suas anotações a importância de Krupskaya para a garantia e prosseguimento de tudo o que viu. Segundo ele, talvez por não estar preparado para tudo o que iria conhecer, a viagem lhe deixou impressão muito positiva.

Citamos essa célebre visita para realçarmos o interesse que o Ocidente manifestou desde os primeiros momentos da Revolução pela educação soviética. Delegações de professores e cientistas norte-americanos à Rússia soviética foram frequentes e estão descritas em documentos oficiais, cartas, boletins, matérias de jornal e na coleção da revista *Soviet Education* (1959-1991), havendo também registros de visitas inversas, isto é, de educadores e cientistas soviéticos aos Estados Unidos.

Contudo, tomaremos o ano de 1928, que registrou a visita de Dewey, como um marco não apenas dos dez anos do esforço educacional soviético, mas também de uma grave crise interna que resultou no afastamento da própria Krupskaya do cargo que ocupava no Comissariado do Povo para a Instrução, que equivalia ao que hoje designamos Ministério da Educação. Em termos do contexto político mais geral, a Rússia soviética passava pela disputa interna no âmbito do Partido Comunista pelo cargo de líder da Revolução, já que

Lênin havia falecido em 1924. Concepções distintas de revolução socialista colocaram em campos opostos Leon Trotsky (1879-1940) e Josef Stalin (1878-1953) abrindo um período de discussões políticas que geraram consequências dramáticas para a jovem experiência de construção do socialismo, terminando com a expulsão de Trotsky tanto do Partido Comunista quanto da URSS e a prisão daqueles militantes que o apoiavam. Em 1929, Stalin já era o chefe máximo do poder soviético. Outro elemento histórico importante e com consequências diretas sobre a educação foi o fim da Nova Política Econômica (NEP)¹⁰, que havia sido instituída no período em que Lênin era o líder político da URSS. A NEP teve um período de curta duração, de 1921 a 1928, quando Josef Stálin pôs fim ao projeto leninista de construção do socialismo soviético, dando início, assim, à coletivização forçada das fazendas controladas pelos camponeses e o planejamento dos planos econômicos quinquenais.

O fim da NEP, substituída pelos planos quinquenais, impactou a escolaridade obrigatória e estatal na medida em que, por força das demandas impostas pela industrialização acelerada, exigiu a antecipação da idade de profissionalização escolar. A partir de então, uma nova contingência foi imposta pois era preciso criar rapidamente a classe operária, uma vez que, em um país majoritariamente composto por camponeses, a Revolução havia sido feita sem proletariado. Esse aspecto foi crucial para os rumos que a educação soviética iria tomar, pois a escola passou a ser a principal instituição para a criação da classe operária. Para que isso ocorresse, a direção do Partido Comunista e os sindicatos, que nesse momento já se constituíam em uma das forças principais de sustentação da Revolução, passaram a defender a antecipação da idade de profissionalização, ou seja, que os adolescentes pudessem fazer parte da mão-de-obra trabalhadora aos 15 anos de idade. Essa defesa férrea da antecipação da idade para ingresso no mundo fabril encontrava resistência no Comissariado do Povo para a Instrução, principalmente em Anatóli Lounatcharsky (1875-1933) e Krupskaya, alvos de críticas pela política adotada até então. A disputa terminou com a vitória dos sindicalistas e de setores do Partido Comunista, fato que resultou na renúncia de ambos do Comissariado. Na sequência, em 1931, já sob o governo de Stalin, uma reforma deu os novos contornos da escola soviética, a qual, ao mesmo tempo em que se expandia, era transformada na principal instituição de formação da mão-de-obra e de uma nova elite de trabalhadores que, ao se tornarem membros do Partido Comunista passavam a ocupar postos de comando em fábricas e em órgãos governamentais.

Essa breve referência aos rumos que a economia soviética tomava no final da década de 1920 é necessária para compreendermos também que a escola passou a ser determinada e planejada para atender a esse imperativo econômico, inclusive várias modalidades de instrução profissional passaram a ser jurisdicionadas pelo Ministério da Economia já que a vinculação da escola às empresas passou a ser uma regra. Esse aspecto peculiar da Revolução Russa, a nosso ver, além de ter gerado uma escola com um desenho totalmente em consonância com os objetivos econômicos, constitui-se em uma página distinta da história da educação, pois, diferentemente do caso típico ocidental no qual as revoluções burguesas

tiveram de expandir a escolaridade a fim de tornar a classe operária apta ao mundo urbano e fabril, na União Soviética aconteceu o contrário: a Revolução teve de criar a própria classe operária e, para isso, a escola, ao lado da fábrica, foi o elemento fundamental.

Mediante essas novas circunstâncias impostas pela Revolução é possível compreendermos a crise vivida no campo da educação propriamente dito. Isso porque, até então, em termos de métodos de ensino, o marxismo havia convivido com princípios ativos da Escola Nova. Essa corrente pedagógica era bem conhecida dos educadores russos que, no período pré-soviético, contavam com a tradução de duas obras de Dewey: *The School and Society* (1907) e *Psychology and Pedagogical Thought* (1915). Além disso, a própria Rússia havia gerado um dos maiores nomes da pedagogia que precedeu e inspirou a Escola Nova, isto é, Leon Tolstói, mestre da literatura mundial¹¹. As obras desses críticos exerceram grande impacto no ambiente educacional russo produzindo iniciativas protagonizadas por intelectuais liberais que passaram a postular universalização da escola e renovação de seus métodos de ensino. Em síntese, uma reforma geral da instrução era reivindicada desde as últimas décadas do século XIX, mas sempre rejeitada pelo regime czarista. Quando a Revolução aconteceu, muitos desses educadores liberais, administradores escolares e intelectuais, viram nela a oportunidade de realizar seus sonhos reformistas. Foi assim que logo após 1917, intelectuais liberais como Stanislav Shatsky (1878-1934)¹², Pavel P. Blonsky (1884-1941)¹³ e Albert P. Pinkevich (1884-1939)¹⁴, que eram críticos da educação czarista, aderiram ao governo bolchevique, pois entenderam que sob esse governo seria finalmente possível realizar as reformas que propunham. Em uma conversa com Dewey, por exemplo, Shatsky, grande humanista e administrador pedagógico durante o período final do czarismo, afirmou que seria um grande erro recusar-se a cooperar com o novo regime, o qual havia aberto caminho para as causas que os reformadores haviam ardentemente defendido durante o czarismo e que agora eram bem recebidas. Por sua reputação e importância, a adesão de Shatsky ao Partido Comunista, em 1926, foi considerada um dos maiores sucessos da educação soviética da época. Ele era o maior conhecedor da obra de Dewey na Rússia, seguido por Krupskaya. Além disso, ao lado de Pistrak, um dos mais influentes intelectuais da educação soviética após 1921, Shatsky compunha a Secção Pedagógica do Supremo Conselho Científico, órgão responsável, junto ao Partido Comunista, por aplicação das políticas educacionais bem como de estudar e verificar na prática a sua eficácia.

Voltando à relação entre os rumos da economia soviética no final da década de 1920 e a educação, a contundente oposição sindical ao Commissariado do Povo para a Instrução quanto à política educacional tinha como cerne a antecipação da idade de profissionalização, o que implicava também no caráter do currículo, ou seja, em que momento da escolarização a educação passaria a ser profissionalizante. O Commissariado defendia o ensino politécnico que não fosse voltado para a profissionalização precoce, “[...] a especialização deveria ocorrer após os 17 anos.” (FREITAS, 2017, p. 12). Os sindicalistas e setores do Partido Comunista, ao contrário, defendiam que a escola secundária (13 a 17 anos) fosse inteiramente profissionalizante. Essa foi a posição vencedora. Posteriormente, Krupskaya

retomou a questão citando um texto de Lênin no qual ele reconhecia a necessidade de temporariamente baixar a idade de profissionalização. Segundo ela, as suas palavras eram fundamentais para que a redução do padrão de idade para 15 anos fosse encarada como uma excepcionalidade, “[...] uma necessidade prática, uma medida temporária, provocada pela pobreza e ruína do país.” (KRUPSKAYA *apud* FREITAS, 2017 p. 15).

Portanto, podemos considerar que a visita da delegação das professoras britânicas à URSS foi marcada também por um contexto de crise política no âmbito do Partido Comunista quanto aos rumos que a Revolução de Outubro deveria trilhar. Em particular, essa crise afetava a educação escolar estatal pois ela era uma das instituições soviéticas mais importantes para o processo de industrialização do país dos soviets. Quanto a Krupskaya, conforme mostramos, ela desempenhava relevante protagonismo político-pedagógico no âmbito das divergências que se abriram sobre a redução da idade de profissionalização dos adolescentes.

CONCLUSÃO

Deixamos para a conclusão nossas considerações sobre o conteúdo do texto de Krupskaya.

Em primeiro lugar, ao tomarmos contato com *A word on class education* reconhecemos de imediato o estilo direto e conciso da autora, uma marca constante de seus escritos. Krupskaya conseguia expressar de forma clara e objetiva princípios filosóficos e pedagógicos que normalmente eram temas de difícil compreensão para o grande público, o que demonstra uma rara capacidade intelectual. Ela tinha o talento de saber se comunicar, de fazer chegar ao destinatário o seu conhecimento sobre questões intrincadas sobre as quais muito se falava e pouco se compreendia, como era o caso dos “sistemas de complexos” que, em sua opinião, se tornara um fetiche. Para esclarecer esse conceito, ela escreveu dois textos, um em 1924 (Carta metodológica – sobre o ensino por complexos) e outro em 1925 (Sobre os complexos), dirigindo-se especialmente aos professores. Essa virtude se conectava ao fato de que Krupskaya escrevia e falava com o objetivo de que os princípios marxistas fossem compreendidos e aplicados. (KRUPSKAYA, 2017a, p. 125). De nada adiantaria, lembrava ela, uma teoria que não fosse entendida pelos professores e que em consequência não pudesse ser concretizada.

Outro aspecto sobre o qual desejamos chamar a atenção reside na diferença de abordagem de alguns temas neste texto que encontramos no Instituto de Educação de Londres comparativamente aos seus escritos anteriores, principalmente do período pré-Revolução. A título de exemplo, reproduziremos o trecho em que ela faz referência à escola dos Estados Unidos da América:

A escola americana, por exemplo, é muitas vezes elogiada pelo fato de ser extremamente democrática apenas porque, da mesma forma, lá o filho de

um operário diarista senta-se com o filho do presidente dos EUA em uma certa escola 'ali'. Eles se esquecem apenas de dizer que toda a educação é organizada sob a perspectiva mais vantajosa e necessária para o filho do Presidente e não no espírito necessário para o filho do trabalhador. (KRUPSKAYA, 1926, tradução nossa)¹⁵.

Krupskaya já havia feito menção à escola norte-americana em seu livro de 1915 *Educação pública e democracia* da seguinte forma:

A aplicação prática dos princípios, sem os quais é impossível o desenvolvimento livre da personalidade do estudante, concretiza-se mais ou menos plenamente só com um regime democrático. É por isso que, entre outras coisas, esses princípios criaram rapidamente raízes na escola americana e com grande dificuldade se incorporam à escola alemã. Nos Estados Unidos, na escola, à mesma mesa senta-se o filho de Roosevelt e o filho de um operário braçal. (KRUPSKAYA, 2017b, p. 51-52).

Mediante esses dois excertos, a que conclusões podemos chegar sobre o texto e o contexto? Em primeiro lugar, o fato de a escola norte-americana ser citada em dois momentos completamente distintos, 1915 e 1926, demonstra a importância que Krupskaya lhe dava. Isso explica a sua admiração por John Dewey, autor que ela recomendava aos professores soviéticos, tal como consta em sua *Carta Metodológica* (1924) quanto à literatura que eles deveriam ler. Ali, Krupskaya indica dois livros de Dewey: *Escola do futuro* e *Escola e sociedade*. (KRUPSKAYA, 2017a, p. 309). Quanto à importância da escola norte-americana, nos parece óbvio que Krupskaya a admirava antes da Revolução (texto de 1915) e depois (1926). Contudo, ela muda em parte a sua abordagem no texto de 1926 e por que razão? Simplesmente porque em 1926 os bolcheviques já estavam no poder na URSS e, ao implementarem as tarefas da Revolução, como era o caso da escola, na qual Krupskaya estava totalmente envolvida, sua visão sobre a questão democrática havia mudado. Por isso ela reafirma que na escola norte-americana sentam-se à mesma mesa o filho do operário e o filho do presidente, mas acrescenta em 1926 que lá “A educação é organizada sob a perspectiva mais vantajosa e necessária para o filho do Presidente e não no espírito necessário para o filho do trabalhador.” (KRUPSKAYA, 1926, tradução nossa)¹⁶.

Esse ponto do texto que estamos oferecendo ao público brasileiro nos parece muito importante e por isso o realçamos pois ele exemplifica muito bem o procedimento de pesquisa baseado na análise de texto e contexto. Neste caso, trata-se de uma referência sobre o mesmo assunto, isto é, a escola norte-americana, abordado em dois contextos completamente diferentes. Em 1915, combatendo o regime czarista no exílio, a educação dos Estados Unidos era vista por Krupskaya e por Lênin como algo muito importante que deveria ser compreendido pelos revolucionários. Eles destacavam então a sua capacidade de abrangência e seus métodos de ensino. Em 1926, na linha de frente da Revolução, Krupskaya centraliza sua crítica ao conteúdo daquela mesma escola, já que, para ela, a defesa de uma educação de classe passava a ser mais relevante do que a questão democrática no contexto da ditadura do proletariado. Essa mudança de situação explica o objetivo de Krupskaya em

distinguir a educação burguesa da educação proletária, exercício que ela faz ao longo de todo o texto, defendendo explicitamente em pelo menos dois momentos a “[...] ditadura do proletariado.” (KRUPSKAYA, 1926, tradução nossa)¹⁷.

Creemos que nada mais precisamos analisar sobre um texto que, como já afirmamos, segue o mesmo estilo claro e direto de Krupskaya em todos os seus escritos. Este confirma a regra falando por si só e, com ele, desejamos enriquecer o acervo de obras em língua portuguesa sobre a mais importante educadora da Revolução Russa.

Voltamos aos parágrafos introdutórios deste artigo para rememorarmos o momento em que descobrimos este texto de Krupskaya e para breves palavras sobre a importância da pesquisa em arquivos. Temos como princípio de trabalho que a pesquisa em história da educação requer esse procedimento para ser rigorosa e para se renovar. A presença em arquivos nos previne contra repetições exaustivamente citadas, abre novas possibilidades de interpretação e, não raro, nos reserva boas surpresas. Como estudiosos da História, sabemos que a produção de conhecimento segue uma linha de continuidade entre o que nós mesmos produzimos e o que foi pesquisado antes de nós. Sabemos, assim, que para acrescentarmos conhecimento novo ao que os estudos anteriores nos legaram, precisamos desbravar temas pouco conhecidos ou desconhecidos. É o caso da educação soviética, tema de um projeto em comum que nos levou ao Arquivo do Institute of Education (UCL) para levantamento de fontes primárias com o intuito de preenchermos uma lacuna na pesquisa em história da educação.

Estávamos com o trabalho adiantado quando, em março de 2019, depois de quase dois meses de intenso levantamento e classificação de fontes, eis que nos deparamos com o inesperado. Como um mistério escondido em caixas, lá repousava um incrível segredo em meio a centenas de documentos das professoras britânicas (NUWT). Para nossa total surpresa, já que desconhecíamos a existência deste texto de Krupskaya, na última página das finas folhas amareladas, datilografadas em inglês com o título *A word on class education*, constava exatamente o nome dela. Essa preciosidade que de repente se tornou objeto de nossa feliz descoberta comprovou que, ao pesquisarmos em arquivos, pode ocorrer de não encontrarmos o que buscamos como pode ocorrer o inverso. Em nosso caso, encontramos muito mais do que buscávamos, pois o prêmio estava ali, protegido há quase cem anos em uma caixa, esperando que alguém o encontrasse.

REFERÊNCIAS

BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR., A. A educação na Rússia de Lênin. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 11, p. 377-396, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639916>. Acesso em: 17 mar. 2021.

BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR., A. Ativismo pedagógico e princípios da escola do trabalho nos primeiros tempos da educação soviética. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, p. 433-456, 2015.

DEWEY, J. **Impressions of Soviet Rússia and the revolutionary world Mexico-China-Turkey, 1929**. Introduction and notes by William V. Brickman. New York: Bureau of Publications/Teachers College/Columbia University, 1964.

EQUAL PAY LEAGUE. **Report for 1904**. Birmingham, 1904.

FREITAS, L. C. de. Prefácio. In: FREITAS, L. C. de; CALDART, R. S. (org.). **A construção da pedagogia socialista: escritos selecionados** (Escritos selecionados). São Paulo: Expressão Popular, 2017.

GRACE, G. **Teachers, Ideology and Control: a study in urban education**. London and New York: Routledge, 2012.

HALL, A. E. *et al.* **Equal Pay League and National Federation of Women Teachers**. 1909.

JOYCE, Marilyn. Being a feminist teacher. In: LAWN, Martin; GRECE, Gerald (Org.). **Teachers: the culture and politics of work**. London: New York; Philadelphia: The Flamer Press, 1987. p. 67-89.

KING, Sarah. Feminists in teaching: the National Union of Women Teachers, 1920-1940. In: LAWN, Martin; GRECE, Gerald (Org.). **Teachers: the culture and politics of work**. London: New York; Philadelphia: The Flamer Press, 1987. p. 31-49.

KRUPSKAYA, N. K. **A word on class education**. London: Institute of Education (UCL) / NUWT File Folder / UWT / 0/83/9. (3 of 4) / UWT / 0/27/53 / ¾ , 1926.

KRUPSKAYA, N. K. Carta metodológica. Primeira carta: sobre o ensino por complexos. In: FREITAS, L. C. de; CALDART, R. S. (org.). **A construção da pedagogia socialista: escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017a. p. 309-344.

KRUPSKAYA, N. K. Educação pública e democracia. In: FREITAS, L. C. de; CALDART, R. S. (org.). **A construção da pedagogia socialista: escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017b. p. 35-60.

KRUPSKAYA, N. K. Sobre os complexos. In: FREITAS, L. C. de; CALDART, R. S. (org.). **A construção da pedagogia socialista: escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017c. p. 125-129.

LAW, Cheryl. **Suffrage and power: the women's movement (1918-1928)**. London; New York: I. B. Tauris Publishers, 1997.

LÊNIN, V. I. IV Congresso da Internacional Comunista. In: LÊNIN, V. I. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, t. 3. p. 618-629.

NATIONAL FEDERATION OF WOMEN TEACHERS. Objects. **The Woman Teacher: The Organ of the National Union of Women Teachers**, v. I, n. 5, p. 33, Oct. 24, 1919.

NATIONAL UNION OF WOMEN TEACHERS. **The history of the women teachers' demand for equal pay**. London, 1938. (Pamphlet).

PHIPPS, Emily Frost. **A history of the National Union of Women Teachers**. London: NUWT, 1928.

PIEROTTI, A. Muriel. **The story of the National Union of Women Teachers**. Southend-on-Sea: NUWT, 1963.

PONOMARIOV, B. N. **História do Partido comunista da União Soviética**. Tradução: Rui Facó *et al.* Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

SOCIETY FOR CULTURAL RELATIONS WITH THE URSS. **Summer School. Education for Reconstruction in the URSS**. London, August 1st to 8th August, 1947.

TEACHERS' LABOUR LEAGUE. **The Secretary of National Union of Women Teacher**. Manchester: March, 15th, 1926b. (Carta assinada por Mr. D. Capper secretário internacional da Teachers' Labour League).

TEACHERS' LABOUR LEAGUE. **The Secretary of National Union of Women Teacher**. Manchester: April 19th, 1926a. (Carta assinada por Mr. D. Capper secretário internacional da Teachers' Labour League).

UK PARLIAMENT. **The chartist movement**. Disponível em: <https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/electionsvoting/chartists/overview/chartistmovement/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

UNITED KINGDOM LEGISLATION. **Representation of the People (Equal Franchise) Act, 1928**. Disponível em: <http://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/electionsvoting/womenvote/case-study-the-right-to-vote/the-right-to-vote/birmingham-and-the-equal-franchise/1928-equal-franchise-act/>. Acesso em: 20 set. 2019.

UNITED KINGDOM PARLIAMENT. **Representation of the People Act, 1918**. Disponível em: <http://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/electionsvoting/womenvote/case-study-the-right-to-vote/the-right-to-vote/birmingham-and-the-equal-franchise/1918-representation-of-the-people-act/1918-representation-of-the-people-act-first-page/>. Acesso em: 20 set. 2019.

Anexo A – Uma palavra sobre a educação de classe

Devemos olhar as coisas como elas são e compreender plenamente que, na sociedade capitalista, todo o sistema de educação pública e toda a formação educacional da geração

jovem são de caráter de classe. No espírito de qual classe essa educação ocorre? É claro para todos que isso é realizado no espírito da classe dominante, ou seja, é o espírito desejado pela burguesia. Essa suposição naturalmente decorre de toda a concepção marxista das classes sociais, da luta de classes e do domínio de classe. No entanto, essa questão não pode ser melhor apoiada do que analisando a realidade viva. Veja como a educação é desenvolvida em qualquer país burguês que você possa considerar – EUA, Grã-Bretanha, França ou Alemanha – e verá que todo o sistema de educação popular, sua organização, o conteúdo de todas as instruções e toda a ordem das coisas na vida escolar, é construído no interesse da classe dominante, no interesse da burguesia.

É claro que, para vê-lo, não se deve ser influenciado por toda a fraseologia pomposa com que a política da escola de classe é abordada.

Também não se deve perder de vista o fato de que a política educacional da burguesia há muito se desenvolveu fora da sua proposta original.

É essencial não esquecer que o capitalismo trouxe consigo analfabetismo geral. Nesse sentido, os primeiros passos dados nessa direção nos países capitalistas cuja burguesia se interessava por uma extensa alfabetização popular – sem a qual é muito mais difícil organizar o trabalho no momento da produção e muito mais difícil governar as massas – são muito característicos. Além disso, sob o domínio burguês, a alfabetização geral coloca nas mãos da burguesia uma arma muito eficaz para influenciar as massas. A escola e a imprensa enchem sistematicamente as mentes das classes trabalhadoras. A cuidadosa consideração sobre o sistema capitalista de educação popular confirmará imediatamente a verdade da contenda, assim como também o fato de que é dada particular importância ao que é ensinado na escola, ao que é impresso no jornal, nos livros e no que é apresentado nos livros didáticos

O que a burguesia dá à massa do povo por meio da escola e da imprensa é simplesmente o flagelo da ideologia burguesa. E isso é servido com vários tipos de molhos. Nos países em que a classe trabalhadora vem se tornando uma força social, mesmo com a dominação de classe efetuada por meio da escola, está se tornando mais sutil ser dominada com o *slogan* da democracia. A escola americana, por exemplo, é muitas vezes elogiada pelo fato de ser extremamente democrática apenas porque, da mesma forma, lá o filho de um operário diarista senta-se com o filho do presidente dos EUA em uma certa escola “ali”. Eles se esquecem apenas de dizer que toda a educação é organizada sob a perspectiva mais vantajoso e necessária para o filho do Presidente e não no espírito necessário para o filho do trabalhador. Essas pessoas não podem ver o caráter de classe da educação capitalista por causa do verniz do democratismo.

Todo professor deve reconhecer plenamente esse aspecto da questão e compreender também que as coisas nunca serão mudadas enquanto a burguesia governar. Sob pressão da classe trabalhadora, a dominação de classe por meio da escola pode ser efetuada com métodos mais refinados, mas isso não altera sua natureza essencialmente de classe.

Pode-se perguntar se os exercícios escolares poderiam ter a colaboração dos pacifistas para escrever os livros de história, não do ponto de vista dos chauvinistas estreitos, mas no espírito dos próprios pacifistas. Em primeiro lugar, a compilação de livros didáticos pacifistas não é uma garantia de que eles irão expressar concepções pacifistas; em segundo lugar, e isso é a coisa mais importante, toda a ordem das coisas nas escolas e toda a organização da educação pública é tão burguesa e, portanto, no fundo, em crassa contradição com a ideia de irmandade das pessoas. Os livros didáticos de história constituem um dos elos da cadeia da educação de classe no espírito mais desejável pela burguesia, mas não é no particular que devemos nos apegar para romper essa cadeia. Devemos nos importar com o livro didático de história, mas é um grande erro acreditar que ele seja o cerne da questão.

Todo professor reconhece que no âmbito da sociedade capitalista e do seu governo burguês, não importa qual possa ser sua luta subjetiva, ele é um instrumento nas mãos da classe dominante.

E se um professor não deseja ser tal instrumento e sua proximidade com as massas o leva a se dedicar aos interesses delas e não a ser um servo de seu escravizador, conclui-se então que ele está interessado no aniquilamento do jugo burguês. E embora a condição de vida do professor na sociedade capitalista e sua educação o impeçam de ocupar seu lugar nas fileiras dos combatentes pelo progresso, o desenvolvimento de determinados acontecimentos e o fortalecimento de sua consciência de classe estão inevitavelmente obrigados a torná-lo um inimigo da burguesia, e partidário da classe trabalhadora. A burguesia só pode derrotar a classe trabalhadora apoiada pelas grandes massas da pequena burguesia. Mas a derrubada da burguesia será acompanhada pela abolição mesquinha e imediata de todas as classes? Todo país que rompe com o poder da burguesia terá que passar por um período de *ergotocracy*¹⁸, mais ou menos longo, referente ao domínio da classe trabalhadora. Sem um certo período de ditadura do proletariado, não há como destruir os traços do antigo domínio burguês que nos enraízam profundamente.

Mas enquanto a ditadura burguesa tem o único objetivo de beneficiar a burguesia, a ditadura do proletariado tem como objetivo destruir toda e qualquer divisão da sociedade em classes e, conseqüentemente, o domínio de classe.

Vemos que, sob a dominação burguesa, o professor que postula a ideia da escola sem influência de classes está na mesma posição que a cozinheira de Krylov¹⁹, que proferiu uma palestra sobre moral para o gato da cozinha, à qual o gato não prestou a menor atenção e continuou com o frango que tinha roubado.

Mas pode existir uma escola que não tenha o caráter de classe durante o período de existência da ditadura do proletariado?

Não. Pois, as classes ainda continuam a existir e, fundamentalmente, diferem quanto à organização da educação popular, ao que é ensinado e a quais métodos são usados. Mesmo dominada, a burguesia desejará que a educação popular forme as pessoas por meio das escolas para apoiar a ordem capitalista e garantir o seu próprio domínio de classe. A

burguesia cuida para que seu sistema escolar selecione e submeta à sua influência os filhos mais talentosos e capazes da geração em ascensão. A burguesia esforça-se para que as escolas forneçam um corpo de conhecimento artificialmente selecionado, que nem um pouco possa abalar a sua autoridade, calculada para imbuir as pessoas da noção de que a ordem burguesa é inabalável e uma ordem desejável da sociedade. Os pedagogos burgueses sempre defendem um sistema escolar para educar as crianças nos hábitos que não questionam os sentimentos, mas esmagar o instinto social e de todas as formas promover o desenvolvimento de instintos aquisitivos e individualistas.

Ao construir seu sistema de educação popular, a classe trabalhadora aborda as coisas de maneira bastante diferente, incorpora um conteúdo diferente no ensino escolar e educa seus filhos no espírito do coletivismo.

A classe trabalhadora faz todos os esforços para permitir que a totalidade das crianças desenvolvam ao máximo suas próprias habilidades e faça de cada uma delas um membro útil da sociedade. Coloca o ensino escolar em condições de permitir que seus filhos obtenham uma ideia clara de seu ambiente e entendam o que deve ser feito para remodelá-los ao interesse da sociedade.

A classe trabalhadora organiza a vida de seus filhos de modo a promover neles o esforço e o hábito de viver e trabalhar coletivamente, subordinando seus interesses pessoais aos interesses do todo social.

Qualquer uma das abordagens à questão da educação popular é uma abordagem de classe; a primeira é a da burguesia, a segunda é a do proletariado. Os dois pontos de vista se chocam. Uma escolha deve ser feita entre eles. Não há outra alternativa.

A abordagem da classe trabalhadora sobre a questão da educação popular é de classe. Só existe essa diferença – que a classe trabalhadora se destaca de outras classes na medida em que não estabelece objetivos egoístas estreitos; na medida em que toma o poder em suas próprias mãos para destruir todo domínio.

N. Krupskaya

Moscow, Summer of 1926.

Anexo B – Fotos do texto original (primeira e última páginas)

A Word on Class Education

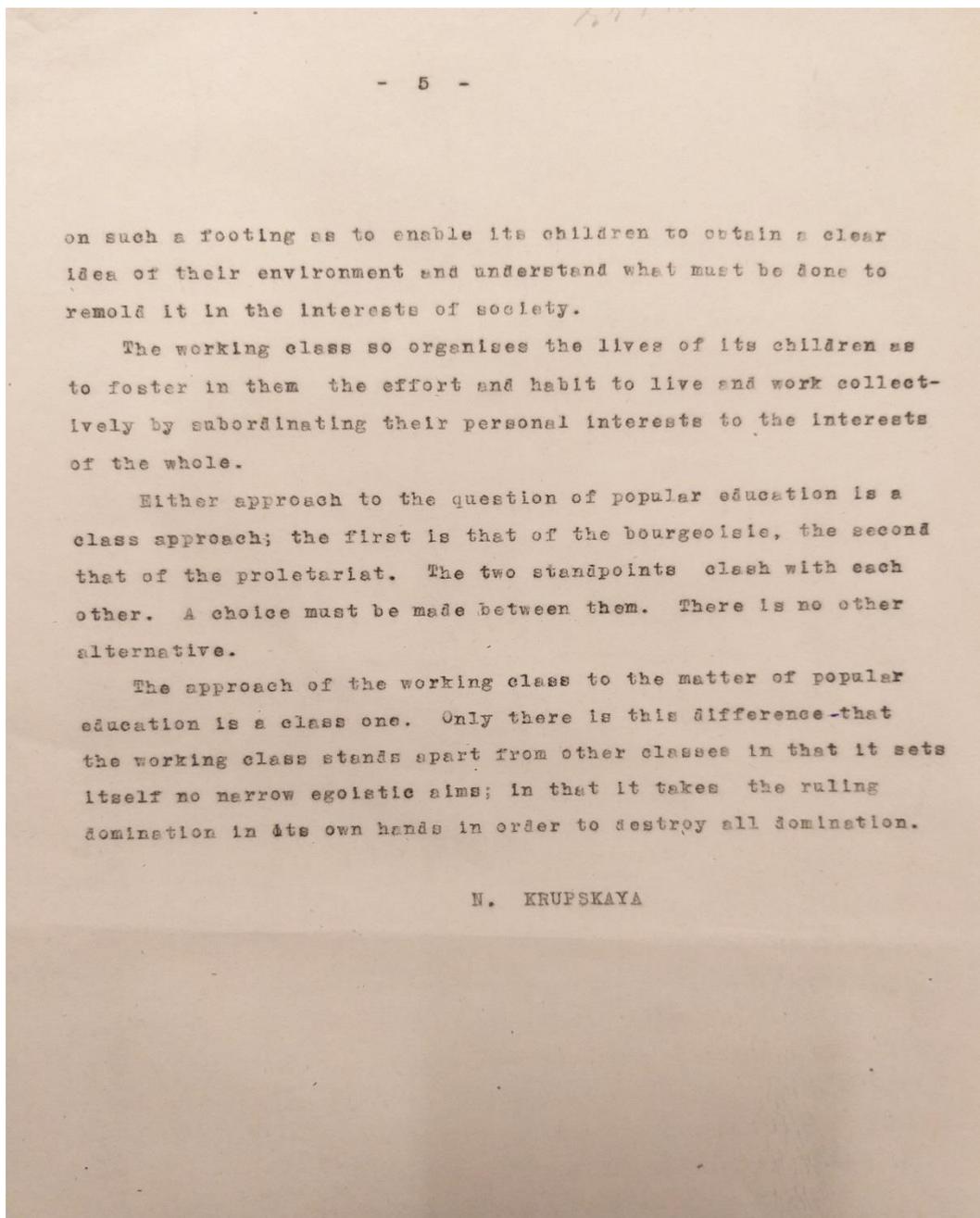
We must look at things as they are and realise fully that in capitalist society the whole system of public education and the entire training of the young generation are of a class character. In the spirit of which class does that education take place? It is clear to everyone that it is carried out in the spirit of the ruling class, i.e., in the spirit desired by the bourgeoisie. That assumption naturally follows from the entire Marxist conception of classes, the class struggle and class overlordship. It cannot, however, be better supported than by analysing the living reality. Just look at the way education is carried on in any bourgeois country you like to take--America, Britain, France or Germany--and you will see that the whole system of popular education, its organisation, the content of all instructions, the entire order of things in school life, is built up in the interests of the ruling class, in the interests of the bourgeoisie.

Of course to see it one must not allow oneself to be swayed by all the high-sounding phraseology with which that class school-policy is covered over.

Nor must the fact be lost sight of that the bourgeoisie's educational policy has long since developed away from its primary elementary form.

It is essential not to forget that capitalism brought with it general literacy. In this connection the first steps taken in this direction in capitalist countries the bourgeoisie of which were interested in an extensive popular literacy--without which it is far more difficult to organise labour at the point of production and much more difficult to rule the masses--are very characteristic. Moreover, under bourgeois rule general literacy places in the hands of the bourgeoisie the very effective weapon for influencing the masses. The school and the Press systematically fill the minds of the working classes. Careful consideration of the

Fonte: Krupskaya (1926).



Fonte: Krupskaya (1926).

AUTORIA:

* Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Contato: ferreira@ufscar.br

** Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlo (UFSCar). Contato: bittar@ufscar.br

COMO CITAR ABNT:

FERREIRA JUNIOR, A.; BITTAR, M. Krupskaya nos arquivos do National Union of Women Teachers: “uma palavra sobre a educação de classe”. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-21, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8660769. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8660769>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Notas

- ¹ O IoE estava vinculado à estrutura federativa da University of London até o segundo semestre de 2014. Depois, incorporou-se à University College London (UCL).
- ² Além da tradução do texto de Krupskaya, todas as referências em inglês empregadas neste artigo foram traduzidas pelos autores.
- ³ A URSS foi fundada em outubro de 1922. A resolução do Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da Rússia que aprovou a sua criação afirmava: “Reconhecer como necessária a conclusão de um acordo entre a Ucrânia, Bielo-Rússia, a Federação das Repúblicas da Transcaucásia e a RSFSR [República Socialista Federativa Soviética da Rússia] acerca de sua unificação na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mantendo cada uma delas o direito de retirar-se livremente da União.” (PONOMARIOV, 1961. p. 345-346).
- ⁴ Ambos sindicatos representavam apenas os professores e professoras inglesas e gaulesas.
- ⁵ O movimento cartista foi o primeiro movimento de massa protagonizado pelas classes trabalhadoras britânicas. Teve início após o fracasso da Lei de Reforma de 1832, que pretendia estender o voto para além dos homens que possuíam propriedades. Em 1838, uma Carta do Povo foi elaborada, por solicitação da Associação dos Trabalhadores de Londres (LWMA), para William Lovett e Francis Place. A Carta era composta de seis reivindicações: (A) Todos os homens devem ter o direito de votar (sufrágio universal apenas para os homens); (B) A votação deveria ocorrer por escrutínio secreto; (C) Eleições parlamentares seriam todos os anos e não uma vez a cada cinco anos; (D) Os distritos eleitorais (borough) deveriam ser constituídos em proporções iguais de eleitores; (E) Os membros do Parlamento deveriam ser remunerados; e (F) A qualificação de propriedade para se tornar um membro do Parlamento deveria ser abolida. Consultado em: (UK PARLIAMENT, 2020).
- ⁶ Sobre a luta do NUWT pela igualdade de salários entre professoras e professores ingleses e gauleses, conferir: Equal Pay League (1904); Hall, *et al.* (1909); National Union of Women Teacher (1938).
- ⁷ A respeito da conquista do voto universal para homens e mulheres, digno de nota são: Joyce (1987); King (1987); LAW (1997).
- ⁸ A Teachers’ Labour League (TLL) foi fundada em 1922 por um grupo de professores socialistas filiados ao NUT e ao Labour Party. Foi uma consequência direta da recusa do NUT, em 1921, em estabelecer uma aliança política com o Partido Trabalhista Britânico. (GRACE, 2012, p. 48). A TLL mantinha vínculos de solidariedade com o sindicato de professores da URSS.
- ⁹ Dewey nasceu em Burlington, Vermont (EUA). Doutorou-se na Johns Hopkins University (1884) e foi professor universitário de 1884 a 1930 (University of Michigan, University of Minnesota e Columbia University). Ao longo de sua vida, Dewey publicou mais de mil obras, incluindo ensaios, artigos e livros. A sua produção intelectual abrangeu uma ampla gama de temáticas: psicologia, filosofia, teoria educacional, cultura, religião e política. Por meio dos seus artigos em *The New Republic*, ele se estabeleceu como um dos intelectuais ocidentais mais conceituados da segunda metade do século XX.
- ¹⁰ Em 1922, Lênin explicitou os motivos pelos quais os bolcheviques adotaram a NEP nos seguintes termos: “[...] eu pensava então que o capitalismo de Estado representava um passo à frente em comparação com a situação econômica de então da República Soviética, e explicava mais adiante esta ideia enumerando simplesmente os elementos do regime econômico da Rússia. Estes elementos eram, em minha opinião, os seguintes: 1) forma patriarcal, isto é, mais primitiva da

agricultura; 2) pequena produção mercantil (isto inclui também a maioria do campesinato que comercia com cereais; 3) capitalismo privado; 4) capitalismo de Estado; e 5) socialismo. Todos estes elementos econômicos estavam representados na Rússia de então. Coloquei-me então a tarefa de explicar as relações existentes entre esses elementos e se não se deveria considerar algum dos elementos não socialistas, precisamente o capitalismo de Estado, superior ao socialismo.” (LÊNIN, 1980, p. 619).

¹¹ Sobre a influência do ativismo pedagógico na educação soviética durante a década de 1920, consultar: (BITTAR; FRREIRA JUNIOR, 2015, p. 439).

¹² Stanislav Shatsky foi um importante escritor, administrador educacional e educador de concepção humanista. Entre 1905 e 1934, final do Império czarista e o início da URSS, Shatsky criou várias instituições educacionais experimentais e progressistas. Nome importante entre os intelectuais russos que se dedicaram à educação, incorporou diversos valores das experiências educacionais tsaristas tardias (muitos dos quais estavam baseados nos métodos da educação progressista americana) no processo de criação do sistema educacional soviético.

¹³ Pavel P. Blonsky foi filósofo, psicólogo e educador soviético. Ele introduziu a abordagem behaviorista na psicologia russa (sob a denominação de “psicologia marxista objetiva”). Durante a década de 1930, ele foi criticado por sua adesão a testes psicológicos e estudos de capacidades inatas (que contradiziam a ideologia oficial soviética de “igualdade inata de todas as pessoas”). A busca de Blonsky por uma nova psicologia começou com a condenação ao idealismo filosófico, particularmente em relação ao idealismo objetivo platônico e neo-platônico. Em 1922, Krupskaya convidou Blonsky para trabalhar na elaboração de currículos para as escolas. Na Seção de Educação Científica do Conselho Acadêmico Estadual (GUS) ambos mantiveram intensa parceria intelectual, que possibilitou Blonsky empreender uma tendência marxista às suas visões educacionais e psicológicas. Krupskaya apoiou os estudos de Blonsky sobre o desenvolvimento infantil e suas outras investigações psicológicas e educacionais.

¹⁴ Albert P. Pinkevich foi um educador soviético. Em 1909, concluiu sua graduação na Universidade de Kazan e se doutorou, em 1935, na área de Ciências Pedagógicas. Entre 1909 e 1917, ensinou ciências naturais e contribuiu para periódicos e jornais progressistas sob o nome de Adam Bel'skii. Após 1921, Pinkevich esteve envolvido com as reformas educacionais implementadas pelo poder soviético. Entre 1924 e 1930 foi reitor da Segunda Universidade Estatal de Moscou e chefe do Departamento de Pedagogia. Em 1926, ele fundou o Instituto de Pesquisa Pedagógica da Universidade. Entre 1923 e 1932 foi membro do Conselho Acadêmico do Estado. De 1931 a 1936, Pinkevich trabalhou no Instituto Comunista Superior de Educação. Entre 1936 e 1937, ele dirigiu o Departamento de Pedagogia no Instituto Pedagógico Lênin de Moscou. Pinkevich foi um dos primeiros educadores soviéticos a escrever livros didáticos.

¹⁵ Conferir Anexo A

¹⁶ Conferir Anexo A.

¹⁷ Conferir Anexo A.

¹⁸ A palavra, de origem grega (ergo = trabalho), equivale a poder dos trabalhadores; no caso soviético, ditadura do proletariado.

¹⁹ Ivan A. Krylov (1769-1844) é considerado o maior fabulista da literatura russa e provavelmente o mais melodramático de todos os autores russos. Foi dramaturgo, jornalista e o seu gênero literário somente foi reconhecido tardiamente, depois dos 40 anos. Enquanto muitas de suas fábulas anteriores eram vagamente baseadas nas de Esopo e La Fontaine, as posteriores são obras originais, muitas vezes com uma inclinação satírica.